



3 a 16 de maio de 2004

Equipe | Edições Anteriores

THE END IS THE BEGINNING IS THE END

Absolution, novo álbum do Muse, prova que a banda não é apenas mais um clone do Radiohead

SOBREVIVENTE

Segundo livro do autor de *Clube da Luta* ataca a religião, o mundo do entretenimento e o sistema de educação americano

COLETÂNEA DE SENSACIONES

9ª Bienal Nacional de Santos esquenta o corpo e oferece presentes aos olhos

E AS NUUVENS SE DISSIPARAM...

Livro-entrevista com Milton Santos amplia a compreensão sobre a globalização e o papel da geografia no mundo atual

QUANDO O SÁBADO É NA SEGUNDA

Fique ligado: HBO reserva suas poucas estréias interessantes para o corre-corre do meio da semana

SEMANA EUCLIDIANA

São José do Rio Pardo se mobiliza todo ano para festejar o autor de *Os Sertões* em verdadeira maratona

CONTEMPLAÇÃO VIRTUAL

A arte invade a web e oferece boa alternativa aos caros e distantes museus

#61: Qual programa é mais ofensivo à comunidade gay: *Zorra Total* ou *Will & Grace*? Pense bem antes de responder

#40: Vários pedaços da vida costurados pelo teatro

#30: Brincadeira de 1º de abril mostrou como editores e sites brasileiros vivem descaradamente da Internet

#12: Bienal do Livro em São Paulo contrasta exuberância bibliográfica inacessível e obras de qualidade discutível vendidas à baciada

Busca

Picosearch

THE END IS THE BEGINNING IS THE END

Absolution, novo álbum do Muse, prova que a banda não é apenas mais um clone do Radiohead

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



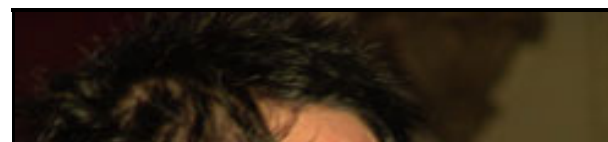
ue o Radiohead mudou a face do rock na década de 90, ninguém

discute. Mais precisamente depois do lançamento do excepcional *Ok Computer*, a banda inglesa liderada pelo estranho (ok, bizarro) Thom Yorke deixou de ser mais uma na multidão e entrou para a história da música pop. Seu terceiro álbum, considerado uma obra-prima, fugia completamente do som grunge propagado pelas bandas de Seattle, influência que podia ser percebida em seus dois primeiros trabalhos, no *The Bends* e, em maior escala, no álbum de estréia, *Pablo Honey*.

O som mais melódico e experimental de *OK Computer* conquistou a crítica e arrebatou uma legião de fãs para o Radiohead, que, ao lado dos americanos do Nirvana, foi considerada a banda mais influente dos anos 90.

Não é de se estranhar então que o Radiohead tenha gerado uma verdadeira penca de clones tentando copiar seu som e estilo de rock mais depressivo, beirando o suicídio. Bandas como Travis, Starsailor, Elbow, Turin Brakes, Doves e Coldplay, só para citar as mais famosas, surgiram na onda do êxito de Thom Yorke para embalar os corações dos mais melancólicos. Arranjos melódicos e complexos, letras existencialistas e vocais suaves viraram uma verdadeira fórmula para o sucesso, sempre arrancando elogios da crítica especializada e alcançando o topo das paradas. O melhor exemplo é a banda do também inglês Chris Martin, que interpreta à perfeição o papel “mamãe quero ser Thom Yorke”. A diferença entre os dois ídolos está basicamente na Gwyneth Paltrow, esposa do líder do Coldplay. Pelo menos nesse ponto, quem sai ganhando é o Coldplay. Não que todas essas bandas sejam ruins, longe disso, mas nenhuma, até agora, conseguiu superar o talento dos “veteranos” do Radiohead. Mais elas bem que tentam.

Agora é a vez dos ingleses (seria isso uma coincidência?) do **Muse**. O terceiro trabalho do trio, *Absolution*, chega com força total e, se não supera o



elogiadíssimo *OK Computer*, pelo menos se mostra tão genial quanto. Alguns podem até achar exagero, mas o novo álbum do Muse vem cercado de uma aura que impressiona. Cheio de letras apocalípticas, a banda leva o termo “álbum conceitual” às últimas conseqüências e quem sai ganhando são os fãs. São quatorze faixas que têm como tema principal o fim do mundo. Desde a perda de um amor até o fim do mundo propriamente dito, tudo é motivo para o vocalista



Matthew Bellamy, que soa quase como um Thom Yorke histérico, se rasgar em berros que são pura poesia. Bellamy canta de uma forma quase desesperada, o que casa à perfeição com o tom sombrio das letras.

A banda já mostra a que veio na primeira música, uma pequena introdução que mais parece a chegada dos cavaleiros do apocalipse. São apenas vinte e dois segundos que resumem todo o conceito do álbum. Logo em seguida, a bela “Apocalypse Please” proclama “Declare this an emergency/ Come on and spread a sense of urgency/ And pull as through/ And pull as through/ And this is the end/ This is the end of the world”. É de arrepiar! Bellamy declara o fim dos tempos como se fosse a coisa mais natural do mundo. A partir daí, palavras tão contraditórias como “end”, “time”, “death”, “life” e “love” permeiam todo o álbum, ora em baladas que abusam de pianos e melodias suaves, ora em músicas que são verdadeiras pancadas, cheias de riffs estridentes de deixar babando os fãs da fase mais pesada e, digamos, grunge do Radiohead.



Agora, se você não se convenceu, ainda de que *Absolution* vale um conferida e acha que “álbum conceitual” soa mais como uma rima para chatice metida a intelectualóide, faça um favor à sua bagagem de cultura pop. Entre no Kazaa, Soulseek ou coisa que o valha e baixe a fenomenal “Time is Running Out”. A terceira faixa é de longe a melhor do disco e tem tudo para virar hit. A música começa de forma mansa e sem grandes pretensões para explodir em um ótimo refrão: “Our time is running out/ Our time is running/ You can't push it underground/ You can't stop it screaming out”. Depois de você escutar a música e se debater de tanto cantar, aí a gente conversa de novo.

Outras faixas que merecem destaque são as belas “Butterflies and Hurricanes”, “Sing for Absolution” e “Thoughts of a Dying Atheist”, além das porradas “Hysteria” e “The Small Print”. *Absolution* é um álbum que impressiona por sua coesão e maturidade, demonstrando que, se continuar nesse passo, o Muse pode muito bem superar seus mentores. Talento para isso eles têm de sobra. E o Chris Martin e o Coldplay que se cuidem, senão vão acabar perdendo o posto de filhote mais famoso do Radiohead. Quem sabe até a Gwyneth Paltrow não resolve conferir o talento do Muse... 🤔